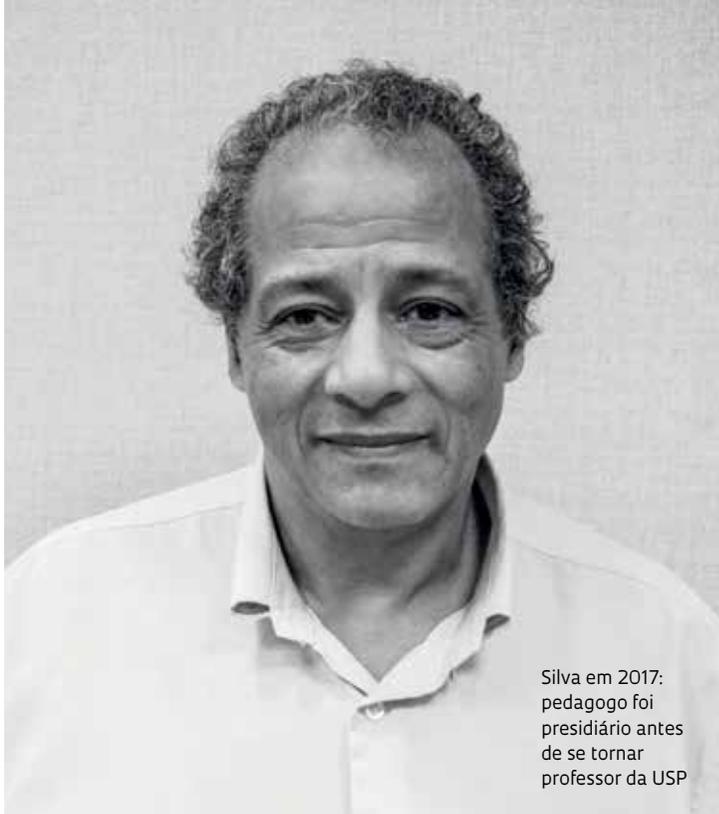


UM EDUCADOR PELA LIBERDADE

O pedagogo Roberto da Silva defendia que o ensino podia transformar o futuro de infratores

Fernanda Ravagnani



Silva em 2017: pedagogo foi presidiário antes de se tornar professor da USP

A cada entrevista que concedia, o pedagogo paulista Roberto da Silva ouvia mais perguntas sobre seu passado de presidiário e de menino criado em abrigos do que sobre sua atuação acadêmica como professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Silva, que morreu aos 66 anos no dia 18 de dezembro, não se importava em contar e recontar sua trajetória. Costumava dizer que esse percurso lhe servia como metodologia de trabalho: sua história de vida e o olhar “de dentro” foram o subsídio para as pesquisas que realizou na área de pedagogia social. Nelas defendia, por exemplo, que a educação podia transformar o futuro de presos e adolescentes infratores.

Silva tinha 4 anos quando foi tirado da mãe pelas autoridades, no início da década de 1960. Ela havia saído do interior paulista rumo à capital com os quatro filhos pequenos. Depois de passar por dificuldades na nova cidade, procurara o Juizado de Menores em busca de auxílio financeiro. Os outros três irmãos, todos menores de 7 anos, também foram separados da família. O pedagogo cresceu na Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor (Funabem), que mais adiante se transformaria em Febem. Aos 15 anos, teve acesso a documentos em que des-

cobriu que não havia sido abandonado e que tinha irmãos. Perto da maioridade, foi liberado. Morou na rua por anos e reproduziu o “ciclo de formação da marginalidade” que depois discutiria em sua produção teórica.

Preso e condenado por furtos, esteve na Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru, entre 1979 e 1984, onde encontrou meninos que haviam crescido como ele na Febem. Veio dali a convicção de que a perpetuação da pobreza e da violência era estrutural. Curioso e inquieto, começou a estudar, e em 1993 graduou-se em pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

No mestrado em educação, já pela USP, propôs-se a traçar o perfil de meninos abandonados e órfãos colocados em internatos entre 1958 e 1964, na cidade de São Paulo, e que tivessem saído da Febem perto da maioridade, como foi o caso dele. Silva quantificou quantos desses ex-internos cometeram crimes e foram posteriormente presos. O estudo, concluído em 1997, foi publicado no livro *Os filhos do governo*, lançado no ano seguinte, pela editora Ática. Já no doutorado, defendido em 2001 na USP, com apoio da FAPESP, analisou a eficácia sociopedagógica da pena de privação de liberdade. Em 2002 Silva se tornou professor da FE-USP, onde foi admitido por concurso público.

“Ele teve um papel fundamental na formação de pesquisadores da área de educação que investigam a questão do encarceramento”, afirma a socióloga Liana de Paula, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), especializada em justiça juvenil e atendimento socioeducativo. Um de seus principais projetos era o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação em Regimes de Privação de Liberdade (GEPÊ Privação). Desde 2017 a iniciativa oferece na FE-USP, em parceria com o Instituto Paulo Freire, cursos para capacitar educadores que atuem em presídios e na Fundação Casa, antiga Febem. “Roberto era do tipo que põe a mão na massa”, descreve Valdir Heitor Barzotto, vice-diretor da FE-USP, ao contar do empenho do educador para concretizar ideias e levantar recursos.

Silva foi idealizador e professor, por mais de 15 anos, de uma disciplina sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), oferecida em todas as licenciaturas da USP. Além disso, ministrou cursos de extensão sobre o assunto para profissionais como conselheiros tutelares, defensores públicos, promotores, juízes, educadores de abrigos e da Fundação Casa.

Casado com a fisioterapeuta Doracy Costa Oliveira, o educador morreu em São Paulo por complicações cardíacas e renais. Deixa os filhos Ana Beatriz e Roberto. ■